

TRAVESTIS EM ARACAJU: CORPOS E IDENTIDADES

João Dantas dos Anjos Neto
Professor da Universidade Federal de Sergipe
Doutorando em Ciências Sociais/Antropologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Bolsista CAPES

Travestis devem ser entendidas como aquelas que trabalham, modificam e transformam seu corpo com o objetivo de aproximar-se do corpo feminino. Além dessa transformação, a indumentária usada cotidianamente é feminina, marcando a identidade, sem explicitar o desejo da cirurgia de transgenitalização. Benedetti (2005), Pereira (2009), Silva (2007). Pelúcio (2009) salienta a relevância das questões referentes à subjetividade neste processo.

O objetivo de pesquisa é investigar como as travestis, que trabalham na condição de profissionais do sexo no Bairro da Atalaia, Aracaju, Sergipe/BR, constroem suas identidades através de consumo para seus corpos.

Adotamos a etnografia de método possuidor de estruturação teórica e prática própria (Silva, 2006) ou, como advoga Rocha e Barros (2006), “é investigar por dentro a realidade de um grupo, sendo o saber gerado a partir do ponto de vista do outro.”

Assim, por dois meses e meio (2013), convivemos com as travestis que “fazem vida” no bairro da Atalaia. Na cidade há outros territórios de prostituição das travestis, como: Avenida Barão de Maruim, Rua da Frente e Centro. Assim como Duque (2011), em pesquisa junto às travestis adolescentes em Campinas/SP, as quais possuem trânsito entre os gêneros, podendo montar-se e desmontar-se, a prostituição mostrou-se também ser o meio principal de trabalho.

Foram utilizadas entrevistas semi estruturadas com cinco informantes, uma realizada na residência, sendo duas em uma lanchonete na orla da Atalaia e duas entrevistas em um bar no mesmo bairro. Durante o convívio diário também acompanhamos as compras em mercadinhos próximos às residências e estivemos presentes por duas vezes quando uma sacoleira fez visitas à casa dividida por duas travestis. Estabelecemos contato com 18 travestis.

Análise dos dados

A idade média das travestis pesquisadas está entre 15 e 27 anos. Moram em quartos, vilas ou dividem casa no Bairro da Coroa do Meio, situadas próximas ao espaço de trabalho, cerca de menos de um quilômetro de distância, ou no Bairro Industrial, este na zona norte da cidade, distante 11 km. Contudo, há uma concentração de travestis que moram nessa localidade, inclusive as que se prostituem em outras localidades da cidade. Esse tipo de concentração também foi percebida por Kulick (2008), em Salvador.

É no corpo que a travesti se constrói enquanto sujeito (Beneditti, 2005). É no corpo

que esse grupo concentra parte significativa do seu potencial de consumo, comportamento percebido por Goldenberg (2007) em grupos heterossexuais praticantes de academia, porém com outras subjetividades. A apoderação de bens e serviços está, quase sempre, focada ou orbitando a construção do feminino através do corpo. O corpo da travesti não é um suporte de símbolo. É um símbolo em si. As “bombadas”, as “bichichas”, as “traveconas” são categorias referenciadas no corpo. Assim, o (re)nascimento de uma travesti associa-se à metamorfose que a distancia do nome masculino, atribuído comumente pela família, e a vincula a um ou mais nomes, todos femininos. Este fenômeno é possível, pelo menos no modelo percebido em campo, pelas posses: sejam de silicone, hormônios, roupas, ou a não posse de produtos masculinos. A construção identitária das travestis que as aproxima do feminino abre espaço para uma cultura de consumo própria com seus valores e ritos. Entretanto, não nos parece adequado classificar as travestis como mulheres que nasceram homens. Ou como afirma Ana, 22 anos: “não queria ter uma boceta, caso quisesse eu não era travesti, eu era transexual. Vou cortar minha pica e vou trabalhar com o quê? Você sabe João, que as maricas nojenta da Atalaia só querem tomar no cu!”

A roupa, o gestual, os movimentos de corpo, são quase indissociados. Assim, a depender da roupa, alguns movimentos eram privilegiados. As bundas, entendidas pelas travestis como bons atributos seus, são exibidas na pista com shorts customizados que marquem esta parte do corpo. Os mesmo pode-se dizer dos seios.

Os calçados são produtos de alto custo para as travestis, comumente com pés de maior numeração, dificultando encontrar variedade no mercado, (Benedetti, 2005). Trabalham geralmente de cinco a seis horas diárias em pé sobre saltos altos, objetos importantes na afirmação da feminidade, ao ponto que Bia argumenta “só repito os saltos porque é o jeito, queria ter um para cada dia na pista”. Algumas afirmam só usar chinelos ou sandálias baixas durante o trabalho quando estão com os pés e pernas doendo ou inchadas devido às doses de hormônios ou outros problemas de saúde. Já tênis e outros tipos associados ao esporte não foram encontrados em uso ou nas habitações acessadas.

Os hormônios femininos são um dos mais antigos métodos clínicos disponíveis para a transformação do corpo, como meio de transformação das travestis. As doses podem ser ingeridas diariamente, injetáveis ou em forma de aditivos. Tais substâncias são responsáveis pelas transformações como: desenvolvimento dos seios, arredondamento da face, impedir o surgimento de pelos e barba, criando silhuetas femininas. A ingestão de hormônio acompanha a vida de uma travesti, pois caso resolva parar, ocorrerá o que Ana chamou de “muchar os seios e a cara e ficar machuda”, perdendo o contorno feminino. Assim, diferente de um rito de passagem que ocorre em momentos específicos, para as travestis é um processo permanente. Algumas travestis atribuem aos hormônios

reações e dores comuns à mulher. Como pontua Bia “Eu quando comecei a tomar augestona, nos primeiros dias senti uma dor no pé da barriga e falei com uma mapô, amiga minha, e ela disse: viada isso é cólica menstrual. Mas claro que não vai descer”. Assim, os hormônios são produtos estruturantes na construção do feminino para as travestis.

As marcas mais consumidas são Perlutann, Augestona e uma infinidade de genéricos destes medicamentos que possuem como princípio ativo hormônios sintéticos tais como acetofenido de algestona e enantato de estradiol. Segundo as informantes, essas drogas ajudam a metamorfosear o corpo. Outros medicamentos como o Ciclo 21, Noci-clin e Microvilar (levanorgestrel etinilestradiol) são indicados para o desenvolvimento dos seios. Em geral as travestis iniciantes seguem orientação das mais velhas. Apenas uma utilizou serviços médicos antes de tomar hormônios. Fontes de informações como farmacêuticos e vendedores são desconsideradas. Assim, a posologia parece ter sido desenvolvida pela prática diária e antiga deste grupo, havendo uma clara noção de quanto tomar e quando.

Os hormônios produzem um processo lento. Já com o silicone a transformação do corpo é quase instantânea. Sua aplicação é comumente conhecida pelas travestis. Há um distintivo hierárquico em torno do silicone. Assim, as travestis “bombadas”, as que já injetaram silicone industrial e/ou colocaram próteses, são respeitadas, consideradas feitas, enquanto as outras, “não bombadas”, são chamadas de “bichinhas”, “viadinhos de peruca” e “gayzinho”. Gabriela, 18 anos, em uma noite no local de prostituição falou comigo, apontando para Hélia, já “bombada”: “Aquela já é uma travesti mesmo, ela ficou ótima e com silicone a gente cobra mais. É! Um carão com um corpo bombado é outro preço”.

O processo de aplicação do silicone é demorado e doloroso. Comumente não se utiliza anestésicos e, devido à viscosidade do silicone, as agulhas são de uso veterinário, pois possuem espessura maior, evitando entupimentos. O procedimento pode durar até seis horas e são realizados pelas travestis mais velhas chamadas “bombadeiras”. Estas gozam de prestígios e são famosas pela capacidade de transformar o corpo rapidamente. Por serem, perante o Estado, consideradas criminosas, sua prática é enquadrada sob vários crimes, a depender da circunstância e do denunciante^[1]. As “bombadeiras” em Aracaju mostraram-se inacessíveis. Como a pesquisa etnográfica continua, buscaremos aproximação com as mesmas. Os custos das aplicações circulam ao redor de 5 mil reais para injetar um litro de silicone industrial nos quadris, por exemplo, devendo ser pago em espécie e no momento da cirurgia. Montante alto, quando considerado que um programa custa em média R\$ 30,00 a R\$50,00, havendo período de sazonalidade. No entanto, o tempo necessário, para adquirir o montante, dependerá de cada travesti.

As condições expostas, nas quais esse grupo vive, assemelham-se a outros grupos estigmatizados (Goffman, 2008 e McCracken, 1990), no entanto, com vários agravantes, entre eles: construir através do corpo outro gênero, mantendo o pênis e tornando o corpo sinuoso. Estes causam rejeições e repugnâncias para parte dos Aracajuanos, sendo tratados, como afirmaria Butler (2003) como corpos abjetos, ou sofrendo punições e sendo patologizados (Peres, 2005).

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Marcos R. 2005. *Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.

BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

DUQUE, Tiago. 2011. *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume.

GOFFMAN, Erving. 2008. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A. 2007. “Civilização das Formas”: O Corpo como valor”, In: M. Goldenberg (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Record.

JUSBRASIL. Disponível em: <http://thiagogv.jusbrasil.com.br/artigos/121942813/lapriel-que-habito-no-projeto-de-codigo-penal-pls-n-236-2012-1> Acessado: 28 de mar. de 2016.

KULICK, D. 2008. *Travesti Prostituição, Sexo, Gênero, e Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

MCCRACKEN, G. 1990. *Culture and consumption*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.

PELÚCIO, Larissa. 2009. *Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; FAPESP.

PEREIRA, Severino J. N. 2009. *Da ‘Invenção’ da Homossexualidade ao Discurso das Posses : Uma análise interpretativa da identidade homossexual*. Tese de Doutorado. FGV/EBAPE - Rio de Janeiro.

PERES, Wilian Siqueira. 2005. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em saúde coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. 2006. “Dimensões Culturais do Marketing: Teoria Antropológica, Etnografia e Comportamento do Consumidor”. *Revista de Administração de Empresas*.

SILVA, Helio R. S. 2007. *Travestis: Entre o Espelho e a Rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

SILVA, Vagner G. Da. 2006. *O Antropólogo e sua Magia*. Rio de São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

João Dantas dos Anjos Neto
Professor da Universidade Federal de Sergipe
Doutorando em Ciências Sociais/Antropologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Bolsista CAPES
Currículo Lattes
joaodantas@hotmail.com

^[1]As “bombadeiras” são judicialmente acusadas de cometer três crimes simultaneamente, havendo exceções e/ou agravamentos. Os mais comuns,, presentes em pesquisa realizada nos sites jurídicos em 2016, foram: Lesão Corporal (Art.129); Exercício Ilegal da Medicina (Art.282) e Curandeirismo (Art.284), todos artigos do Código Penal (www.jusbrasil.com, 2016).

*ENTRE VISIBILIDADES CONDICIONADAS E
CONDUTAS LEGÍTIMAS:*

direitos, gestão e agência de pessoas
em situação de rua

Tiago Lemões

Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/URGS).

Bolsista Capes
